

## UM CASO DE APÓCOPE EM UMA LOCALIDADE RURAL DA BAHIA

Maria do Carmo Sá Teles de Araujo Rolo – PPGLL– UFBA.

### INTRODUÇÃO

O sistema vocálico brasileiro é formado por 12 vogais: 7 tônicas e 5 átonas. As vogais átonas finais ficam reduzidas a 3, pois algumas posições são suprimidas. A pronúncia padrão avança no sentido da eliminação total da oposição /ɪ/ ~ /e/; /o/ ~ /u/. As vogais médias e altas passam pelo processo de neutralização que, segundo CÂMARA Jr. (2004, p.43), consiste na perda do traço distintivo entre vogais médias, reduzindo os fonemas a uma só unidade fonológica. Surgem, então, os arquifonemas /I/ e /U/.

Na análise de CÂMARA Jr. (1979, p.42), as vogais átonas finais, seguidas ou não de s, passaram a constituir um quadro de três vogais: /ɪ/, /a/ e /u/. Nesta posição, as vogais átonas finais ficam mais flexíveis. Elas podem ser realizadas como /i/: [ʃavi], chave e como /u/: [ʃvivu], vivo. Na comunidade rural em estudo, é possível observar uma forte tendência ao desaparecimento das vogais átonas finais /i/ e /u/ em vocábulos como: [li'mitʃ] [li'mite]L [mi'nin]x [me'ninu]. Quando ocorre um processo de supressão total da vogal átona em sílaba final de vocábulos, verifica-se um processo de apócope, que, segundo Dubois (1978, p.62), é a mudança fonética que consiste na queda de um ou mais fonema ou sílaba no fim de uma palavra.

De acordo com os estudos realizados por FERREIRA et al (1996:496) o fenômeno da apócope também ocorre em Portugal. Aparece nos grupos dos dialetos Centro-Meridionais na ilha de São Miguel em Açores, nas regiões de Beira Baixa, Alto Alentejo e Barlavento do Algarve. Neste estudo, as autoras afirmam

“O dialeto de São Miguel apresenta, por sua vez, alguns dos traços que caracterizam as regiões da Beira Baixa – Alto Alentejo e do Barlavento: (...) desaparecimento da vogal átona final [u] grafada –o, como em [ˈgat] - gato – [ˈkop] - copo [ˈpok] – pouco”.

As vogais átonas, no português do Brasil, têm sido objeto de diversos estudos científicos em diferentes universidades brasileiras, mas o desaparecimento da vogal átona final ainda é pouco explorado. Em vista disso, este trabalho se reveste de um caráter exploratório que tem muito a colaborar com a pesquisa para um maior conhecimento do português brasileiro.

Este é um trabalho de base descritiva e nele faz-se um estudo fonético-fonológico da fala da comunidade de Beco, distrito de Seabra-Bahia, correlacionando fatores lingüísticos e extralingüísticos que possam condicionar as suas ocorrências. Foi coletada uma pequena amostra de dados para realizar um trabalho comparativo de caráter diastrático, envolvendo o *corpus* em constituição para a pesquisa de Mestrado.

É constituído de revisão teórica cujos autores respaldaram as reflexões ora apresentadas em todas as partes constitutivas do texto. Metodologia que especifica os procedimentos metodológicos adotados para a realização da investigação científica, bem como a descrição das variáveis. A análise dos dados, intercalada por gráficos onde será visualizado o tratamento estatístico aplicado. Serão considerados para análise os fatores lingüísticos e extralingüísticos que condicionam a variação e, por fim, serão feitas as considerações finais cujos resultados serão apresentados de forma resumida.

### 1 UM POUCO DE HISTÓRIA

A localidade de Beco faz parte do município de Seabra-Ba, uma das Microrregiões da Chapada Diamantina e centro geográfico do Estado. É situada à margem da BR 242 a 470

quilômetros de Salvador. A comunidade rural de Beco é caracterizada pelo predomínio da agricultura, produção de hortifrutigranjeiros e existência de pequenas propriedades rurais. Os membros possuem pouca mobilidade social e mantêm relações fortes na comunidade que é estigmatizada lingüística e socialmente.

Por ser linha de rota, Beco convivia com a passagem de antigas boiadas, vindas do Alto S. Francisco com destino ao Leste do Estado. Essa via de passagem tanto de boiadas quanto de tropeiros, negociantes, do homem a pé ou a cavalo vai ser a explicação para a origem do nome. Tendo à frente a rota dos viajantes e ao fundo, o rio Cochó, a localidade ficava recuada, sem outras saídas e com acesso muito limitado: apenas uma entrada e saída. Daí surgiu a expressão: “Beco sem saída”, que resultou no nome atual Beco.

### 1.1 Pressupostos Teóricos

Os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam este trabalho se sustentaram em duas bases: uma base sociolingüística variacionista e outra fonético-fonológica.

No campo teórico da sociolingüística variacionista, a língua falada está profundamente ligada à vida de cada indivíduo e à realidade em que se insere, permitindo a informação dentro de um grupo social. Além disso, a língua se configura como forte fator de identificação social como afirma Tarallo (2005, p. 14) “a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação dos grupos, em sua configuração, como também uma maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade”.

A língua falada, de um modo geral, é, a um só tempo, heterogênea e diversificada, posto que o sistema lingüístico da fala é um sistema de probabilidades. Para dar conta da variação em seus diferentes aspectos, este estudo se respaldou nos pressupostos teóricos da Sociolingüística Variacionista Laboviana, segundo a qual a variação é inerente à língua e não é aleatória, observando tanto os fatores lingüísticos condicionantes do fenômeno, bem como sua face social.

Nos estudos da fonética e fonologia, o português do Brasil apresenta um sistema de sete vogais tônicas que se reduzem a cinco vogais átonas pretônicas e três vogais átonas finais. Câmara Jr. (2004, p. 43), afirma que o português possui um sistema de vogais triangular, com a vogal de abrimento máximo /a/. O que caracteriza o quadro das vogais átonas no português do Brasil é a redução do número de fonemas. Isto é, mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois.

As vogais orais em português podem ser tônicas, pretônicas e postônicas. Callou e Leite (2003, p. 44) assinalam que “uma vogal em sílaba não-acentuada não se comporta da mesma forma que a sua correspondente tônica. As posições átonas, por serem mais débeis, favorecem o processo fonológico da neutralização”. Com relação às vogais orais em português, Silva (2007, p. 85) diz que a distribuição das vogais postônicas finais e das vogais postônicas mediais caracteriza a variação dialetal no português brasileiro.

Diante do exposto, este trabalho respalda-se nessas duas teorias, buscando um ponto de diálogo entre elas a fim de obter explicações que esclareçam as possíveis dúvidas na análise quantitativa dos dados.

## 2 METODOLOGIA

Para este estudo utilizou-se a metodologia de análise em tempo aparente, observando-se o comportamento lingüístico de falantes em diversas faixas etárias.

Os grupos de fatores estabelecidos como condicionadores do processo tiveram como base além dos trabalhos na linha variacionista, a observação dos dados que compõem o *corpus* da pesquisa. Na análise dos dados foram observadas as variantes fonético-fonológicas com o propósito de verificar a atuação do fator lingüístico: consoante pré-vocálica em contexto antecedente em que se encontra a variável e fatores extralingüísticos como faixa etária e gênero.

O perfil dos informantes procura atender as questões espaciais, por isso são naturais da comunidade pesquisada e de pais também da área. Quanto à escolaridade, são todos

alfabetizados e cursaram até o ensino fundamental incompleto. São três informantes do sexo masculino e três do sexo feminino que se distribuem em três faixas etárias: f1 (18 a 30 anos); f2 (40 a 54 anos) e f3 (mais de 70 anos).

O *corpus* estabelecido para este trabalho é relativamente pequeno em virtude de se tratar de um estudo piloto. A amostra analisada é constituída de 6 inquéritos realizados na comunidade pelo próprio pesquisador. Neste estudo, foram quantificadas um total de 1.111 ocorrências (ausência e presença). Dentre elas 1.002 foram da apócope e 109 do português padrão.

Esse *corpus* constituiu-se através da realização de questionários do tipo diálogo entre documentador e informante (DID) e Questionário Fonético-Fonológico (QFF) com 108 perguntas e baseado no questionário do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) e nas orientações de Mota (2003, p.39) e Aragão (2003, p.63). As entrevistas tiveram duração de, aproximadamente, 45 minutos cada uma e na própria residência do informante.

A transcrição dos inquéritos foi iniciada logo após a realização das entrevistas. Tendo em vista que a transcrição grafemática é um auxiliar à pesquisa lingüística, fez-se necessário a audição cuidadosa de todos os inquéritos realizados para a pesquisa até a fase final de transcrição e revisão. Foram transcritos foneticamente apenas as palavras em que ocorria a apócope.

## 2.1 Descrição das variáveis

Segundo Labov (1972), uma variável lingüística é o ponto onde se igualam pelo menos duas formas da língua, denominadas de variantes – duas maneiras diferentes de dizer a “mesma coisa”. Neste estudo, a variável realiza-se através da presença e ausência da vogal alta final [i] e [u], como nos exemplos:

[i] [tu'mat□] [tu'matɪ]

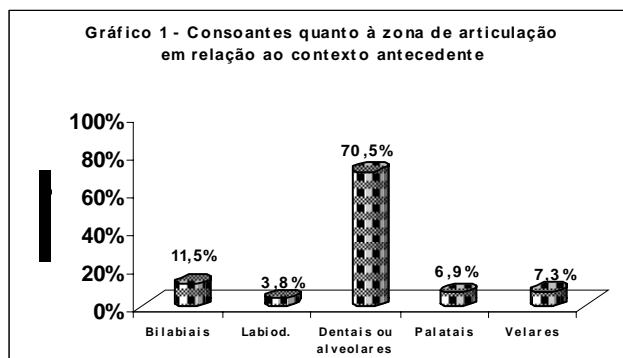
[u] [mi'nĩn□] [mi'nĩnu]

Buscando detectar os fatores condicionadores das variantes do segmento, consideram-se como variáveis independentes para este estudo um fator lingüístico, onde será analisada a consoante pré-vocalica em contexto antecedente quanto à zona e o modo de articulação e dois fatores sociais que são o gênero/sexo (homem/mulher) e três faixas etárias: f1 (falantes de 18 a 30 anos); f2 (falantes de 40 a 54 anos) e f3 (falantes de mais de 70 anos).

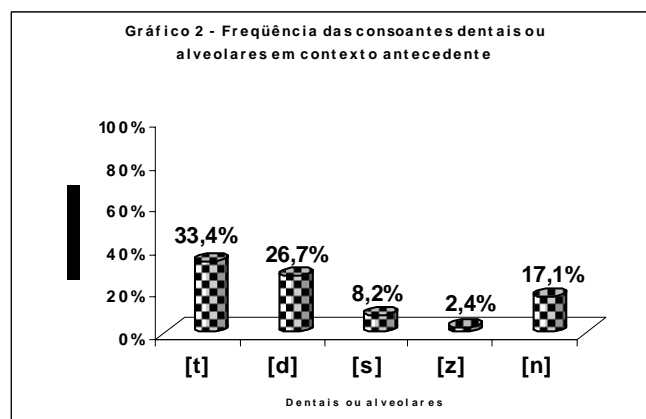
## 3. ANÁLISE DOS DADOS

### 3.1 Fatores lingüísticos

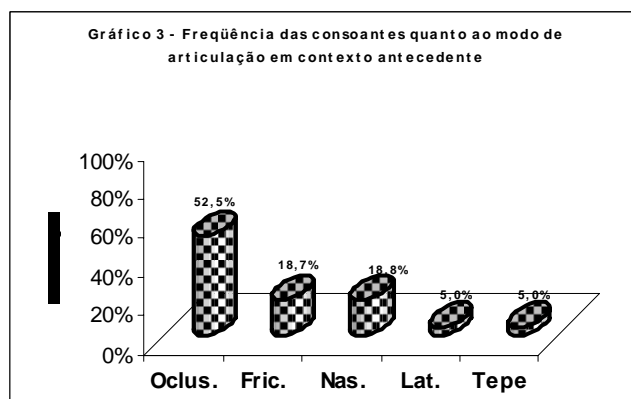
Considerando as limitações da pesquisa, os resultados da análise revelaram que a distribuição das consoantes quanto à zona de articulação apresenta uma discrepância entre as consoantes dentais ou alveolares e as demais consoantes. No gráfico 1, pode-se verificar que as consoantes dento-alveolares mostram-se como fortes condicionadoras do processo com 70,5% de representatividade na amostra.



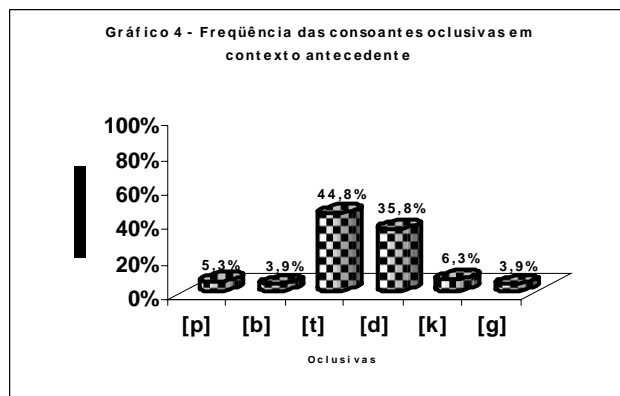
Os resultados da análise revelaram ainda que, dentre as consoantes dentais ou alveolares em contexto antecedente, a consoante que mais favorece o processo de apócope das vogais átonas finais /i/ e /u/, é a oclusiva dental [t] (33,4%) seguida da oclusiva dental [d] (26,7%).



Podemos ver no gráfico 3 as consoantes analisadas em contexto antecedente quanto ao modo de articulação. Neste gráfico podemos ver com mais clareza que, das consoantes estudadas em contexto antecedente, a consoante oclusiva é a que mais favorecem a apócope das vogais átonas finais /i/ e /u/ com 52,5 % de representatividade, seguidas das fricativas (18,7%) e nasais (18,8%) respectivamente.



Os resultados da análise demonstraram que, dentre as consoantes oclusivas em contexto antecedente, a que mais favorece o processo de apócope das vogais átonas finais é a oclusiva dental surda [t], como em [kãdi<sup>1</sup>dat] - candidato, com 44,8% de representatividade na amostra, seguida da dental vozeada [d], como em [ˈtud] - tudo com 35,8%. As outras oclusivas não tiveram uma atuação significativa no processo, coincidindo, inclusive, percentuais de ocorrência como é o caso das oclusivas [b] e [g] com 3,9% de atuação cada uma como podemos observar no gráfico 4.

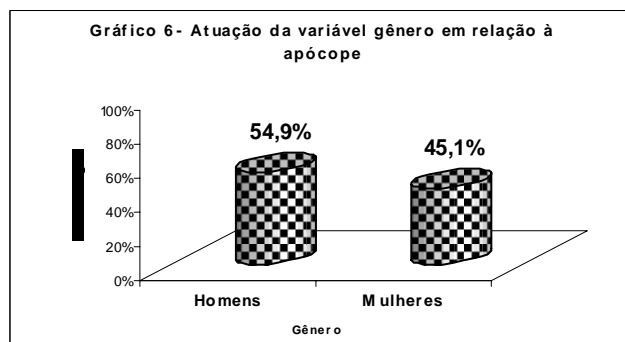


### 3.2 Fatores Sociais

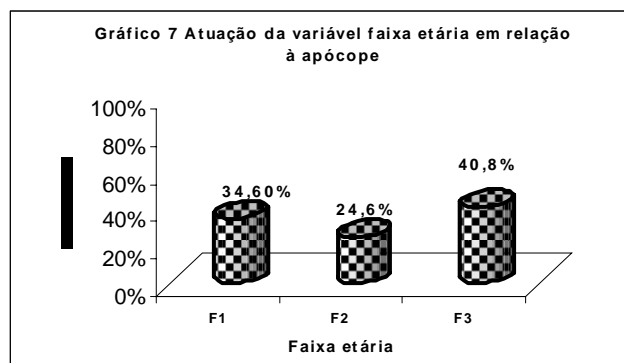
Sabendo que a pesquisa sociolinguística variacionista analisa a língua no contexto social, considerou-se nesta análise a faixa etária com interlocutores estratificados em três grupos (f1, f2 e f3) e o gênero do informante (3 homens e 3 mulheres) correlacionando-os com a variável em análise.

Conforme se observa no gráfico 5, os resultados da pesquisa segundo o gênero do falante não foram relevantes.

Os dois sexos apresentam percentuais bem próximos para cada variante. Os homens equivalem a 54,9 % e as mulheres a 45,1%. Apesar de o gênero ser um dos fatores sociais que mostram uma maior capacidade de influência sobre a variação das línguas, os resultados da análise não demonstraram uma diferença significativa que pudesse relacionar um uso mais freqüente da variante por um dos sexos considerados nesta análise.



Ao analisar o índice de ocorrência da apócope segundo a variável faixa etária dos informantes, percebe-se que a faixa três apresentou um maior uso da apócope, possuindo o equivalente a 40,8% das realizações, seguida da faixa 1 com 34,6%, contra 24,6% na faixa 2, como ilustra o gráfico 7. O baixo índice de ocorrências na faixa 2 deve-se a fatores cujas razões merecem ser esclarecidas. Tal resultado já era hipotetizado, pois os adultos da faixa 2 estão em idade profissional, são economicamente independentes, se movem em uma rede social mais ampla e menos coesiva. Além disso, o resultado baixo sugere a rejeição de um traço estigmatizado. Dessa forma esse grupo se apresenta com características sensíveis à inovação lingüística dentro da comunidade.



## ALINHAVANDO ALGUMAS CONCLUSÕES

Em linhas gerais os resultados da análise de consoantes em contexto antecedente podem ser resumidos assim:

Das consoantes estudadas:

- Quanto à zona de articulação, em contexto antecedente, as consoantes dentais ou alveolares mostraram-se como fortes favorecedoras do processo com 70,5% de representatividade na amostra.
- Quanto ao modo de articulação, em contexto antecedente, as consoantes oclusivas mostraram-se como condicionadoras do processo com 52,5% de representatividade.

Considerando a zona e o modo de articulação, os dados revelaram que as consoantes oclusivas dento alveolares [t] e [d] mostraram-se favorecedoras do processo de apócope, somando-se 60,1% quanto à zona e 81,6% quanto ao modo de articulação as duas juntas.

Tomando por base as limitações da pesquisa, o fator interno que mais favorece o desempenho da variável é a dimensão do vocábulo, cujos dissílabos sofrem a maior incidência da apócope (60,4%).

Das variáveis sociais estudadas, temos uma faixa etária acima dos 70 anos com uma frequência da variante que supera as outras duas faixas (40,8%).

Não há diferença significativa segundo o sexo do falante. Tomando por base a amostra, homens e mulheres não se diferenciam tanto. Ambos têm percentuais próximos para cada uma das variantes: homens 54,9% e mulheres 45,1%.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M.S.S. (2003) Avaliação dos procedimentos Metodológicos nas entrevistas definitivas: os questionários. In.: AGUILERA, V.A.; MILANI, G.A.; MOTA, A. J. (Orgs.).

- Documentos 1: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – AliB.** Salvador: ILUFBA: EDUFBA, p.63-69.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.(2003) **Iniciação à fonética e à fonologia.** 9 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 43-45.
- CÂMARA Jr., J.M. (2004) **Estrutura da Língua Portuguesa.** 36 ed. Petrópolis: Vozes, p. 39-52.
- DUBOIS, J. et al (2006) **Dicionário de Lingüística.** [direção e coordenação geral da tradução Blikstein, I.J]. São Paulo: Cultrix, p. 62-63.
- FERREIRA, M.B. et.al. (1996) Variação lingüística: perspectiva dialectológica. In.: FARIA, I.H. (Org.) **Introdução a Lingüística Geral e Portuguesa.** Lisboa: Editorial Caminho, S.A. p. 479 – 502.
- LABOV, W.(1972) **Sociolinguistic Patterns.** Philadelphia. U. of Pennsylvania Press. Tradução de Herreras, J.M.M. Madrid: CÁTEDRA, 1983.
- MOTA, J. A. (2003) Avaliação de procedimentos metodológicos: questões de prosódia e de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalingüísticas e leitura de textos. In.:AGUILERA, V. A.; MILANI, G. A.; MOTA, A. J. (Orgs.). **Documentos 1: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – AliB.** Salvador: ILUFBA: EDUFBA, p. 39-44.
- SILVA, T. C. (2007) **Fonética e Fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 9 ed. São Paulo: Contexto, p. 85-90.
- TARALLO, F. (2005) **A pesquisa sociolingüística.** 7 ed. São Paulo: Ática p. 5-16.